

## MANUTENÇÃO DAS TRADIÇÕES NA FAMÍLIA JAPONESA EM CAMPO GRANDE - MS

*Nádia Fujiko Luna Kubota\**

Campo Grande é umas das cidades brasileiras que mais recebeu imigrantes japoneses desde a chegada do navio *Kasato-Maru*, em 1908. O grupo nipônico foi um dos que mais contribuiu para a formação e para o crescimento dessa cidade. Desse modo, é preciso ressaltar que tradições japonesas mantêm-se no seio familiar, mesmo que de forma adaptada. O presente artigo busca compreender como a família nipônica reproduz tais costumes e hábitos, e qual sua importância na construção da etnicidade dos imigrantes e seus descendentes.

**Palavras-chave:** Imigração japonesa; Família japonesa; Gênero e Gerações; Campo Grande/MS

Campo Grande is one of the Brazilian cities that received more Japanese immigrants since the arrival of the ship *Kasato Maru*, in 1908. The niponic group is one that more contributed to the formation and growth of this city. Thus, we must stress that Japanese traditions still remain within familiar; even so adapted. This article seeks to understand how the nipponic family plays such customs and habits, and what its importance is for the construction of the ethnicity of immigrants and their descendants.

**Keywords:** *Japanese immigration; Japanese family; Gender and Generations; Campo Grande - MS*

---

\* Graduada em Ciências Sociais pela UFMS. Mestranda pela UNESP - Marília. Trabalha com Migrações Internacionais, imigração de japoneses para a cidade de Campo Grande - Mato Grosso do Sul, enfocando a questão das Relações de Gênero e Gerações na construção da Identidade Étnica de *isseis* e seus descendentes.

## Breve histórico sobre a imigração japonesa para o Brasil

A imigração japonesa iniciou-se após a reforma da Era *Meiji*,<sup>1</sup> quando, de acordo com Woortmann,<sup>2</sup> a crise decorrente da modernização econômica desse período gerou significativos movimentos migratórios internos no Japão e, posteriormente, altas taxas de emigração para outros países e continentes, devido a um rápido crescimento populacional com declínio da mortalidade, consequência de melhores condições de saúde, bem como da proibição do aborto, gerando um significativo excedente demográfico, incompatível com as suas dimensões territoriais e tecnologia produtiva.

Assim, os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao Brasil, em 18 de junho de 1908, no porto de Santos, Estado de São Paulo, transportados pelo navio *Kasato-Maru*.<sup>3</sup> Essa imigração iniciou-se por uma convergência de interesses da lavoura cafeeira paulista e das companhias de emigração nipônicas.<sup>4</sup>

Segundo jornais da época, ao desembarcarem causaram muito espanto aos brasileiros que viam os japoneses pela primeira vez e não sabiam o que esperar do povo oriental. Diferentemente dos imigrantes vindos do sul da Europa, que desembarcaram sujos e cansados, os nipônicos chegaram demonstrando extremo asseio, já que suas roupas estavam impecáveis e muitos dos homens traziam penduradas em seus casacos suas condecorações recebidas após as guerras de que participaram.<sup>5</sup>

No período de 1908 a 1925, o Governo do Estado de São Paulo subsidiou, através de empresas de imigração, parte da passagem marítima junto com os fazendeiros empregadores, que cobravam essa dívida dos japoneses com a prática do desconto do salário.<sup>6</sup>

A vinda dos primeiros imigrantes em 1908 para o Brasil, segundo Saito,<sup>7</sup> era, no início temporária, com plano de retorno, seguindo a fórmula “sucesso rápido e volta ao seu país de origem”.

<sup>1</sup> Período que vai de 1868 a 1912. Com a queda do *shogunato Tokugawa* e a restauração do poder imperial, faz-se uma ampla reforma. A ocidentalização do Japão ocorre a olhos vistos, tal como a adoção do calendário ocidental. A guerra sino-japonesa e a russo-japonesa implantam patriotismo no povo, reforçando o militarismo. O país passa da economia agrícola para industrial. Disponível em: [http://www.nippobrasil.com.br/2.historia\\_jp/250.shtml](http://www.nippobrasil.com.br/2.historia_jp/250.shtml). Acesso em: 10/08/ 2005.

<sup>2</sup> WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Japoneses no Brasil/Brasileiros no Japão: Tradição e Modernidade. *Série Antropologia*, p. 02.

<sup>3</sup> HANDA, Tomoo. *O Imigrante Japonês*. História de sua vida no Brasil, p. 04.

<sup>4</sup> LEÃO, Valdemar Carneiro. *A Crise da Imigração Japonesa no Brasil (1930-1934)*. Contornos Diplomáticos, p. 13.

<sup>5</sup> HANDA, Tomoo, *op. cit.*, p. 04-05.

<sup>6</sup> SAITO, Hiroshi. *O Japonês no Brasil*. Estudo de Mobilidade e Fixação, p. 29-33.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 25.

O plano inicial de permanência temporária e de retorno ao país de origem sofre uma guinada repentina e não só se transforma em permanência definitiva, mas também, paralelamente, ocorrem mudanças na configuração da coletividade japonesa. É o que se chama aqui de ‘crise de identidade’ e a busca de novos rumos.<sup>8</sup>

A idéia desses japoneses ao se dirigirem para o Brasil era, portanto, de acumular certa quantidade de riqueza, que possibilitasse à família imigrante o seu retorno ao país de origem para então lá começarem uma nova vida.

Handa<sup>9</sup> classifica, então, a imigração japonesa no período que vai de 1908 a 1925, como “a história do fracasso de imigração japonesa nas fazendas de café”, já que os colonos orientais permaneciam pouquíssimo tempo nas fazendas, retirando-se desses locais, em questão de meses.

Para Handa<sup>10</sup>, a explicação para esse fenômeno está no fato de que entre os colonos japoneses, apenas um número muito reduzido era de verdadeiros lavradores; o de não ter sido boa a composição da família, pois o governo brasileiro só aceitava grupos familiares como imigrantes, o que ocasionou a adoção da prática de “família composta”,<sup>11</sup> em que a estruturação dessas famílias atendia às exigências impostas como condição para imigração. A prática de família composta consistia em incorporar no rol dos membros da família as pessoas estranhas<sup>12</sup>, por meio de adoção e de outros aparatos baseados no código civil.<sup>13</sup>

Dessa forma, portanto, os casamentos atendiam às exigências feitas aos imigrantes, que se reuniam em torno do casal parentes de ambos os lados, podendo o grupo ser composto, em geral, por até dez membros.<sup>14</sup> Embora o casamento arranjado tenha criado algumas dificuldades para a família imigrante, essa prática não era uma novidade entre as tradições japonesas.<sup>15</sup>

<sup>8</sup> SAITO, Hiroshi. *A presença japonesa no Brasil*, p. 85.

<sup>9</sup> HANDA, Tomoo, *op. cit.*, p. 56-60.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 57-59.

<sup>11</sup> Handa explica que os arranjos de família foram feitos sem muito cuidado. Segundo o autor, “esta também é uma das características dos imigrantes ‘saídos em busca de fortuna’ com o fito único de receber salários. Gente das mais diferentes ambições juntou-se em uma aparente família, procurando cada um suportar tudo até a chegada à terra de destino. Sucede que, postos a enfrentar a realidade da fazenda, muitos dos seus componentes tomaram desordenadamente as mais diferentes direções. É que se tratava de um conjunto familiar sem alguém responsável. Muitos evadiram-se à noite”.

<sup>12</sup> Esses estranhos eram pessoas aparentadas ou alheias que até então não pertenciam à família.

<sup>13</sup> SAITO, Hiroshi, *O Japonês no Brasil*. Estudo de Mobilidade e Fixação, p. 62.

<sup>14</sup> ENNES, Marcelo Alario. *A Construção de uma Identidade Inacabada*. Nipo-Brasileiros no Interior do estado de São Paulo, p. 53.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 53-54. HANDA, Tomoo, *op. cit.*, p. 43.

Esse uso de famílias arranjadas foi comum no período da primeira leva de imigrantes.<sup>16</sup> Porém, a partir de 1926, essa prática, apesar de ainda persistir em alguns casos, foi diminuindo consideravelmente com o decorrer do tempo. No período de 1926 até o pós-guerra, persiste apenas a prática de inclusão de pessoas aparentadas, em geral irmãos e sobrinhos do casal.<sup>17</sup>

Conforme classifica Saito<sup>18</sup>, o segundo período de imigração japonesa ocorre entre os anos de 1926 e 1941. Neste momento a vinda dos japoneses para o Brasil foi promovida e subsidiada pelo governo nipônico. Essa medida, tomada pelo governo japonês de subsidiar totalmente a viagem de imigrantes para o Brasil, teve o intuito não apenas de considerar o país como destino dos trabalhadores, mas também o de encontrar aqui um mercado de investimentos.

O segundo período, portanto, caracterizou-se pelo encaminhamento de imigrantes proprietários e por investimentos de capital. Nesse momento, entretanto, é apresentado à Assembléia Constituinte o projeto de regime de cotas, segundo o qual:

a entrada anual de imigrantes estrangeiros não poderia exceder dos 2% do total da respectiva nacionalidade entrando durante os últimos 50 anos. O projeto não faz, aparentemente, nenhuma discriminação; no entanto, era sabido que visava em especial ao grupo nipônico, cuja história de corrente migratória era das mais recentes.<sup>19</sup>

Segundo Lesser<sup>20</sup>, debates tendo como tema os imigrantes japoneses eram comuns na Assembléia Constituinte, “na qual os deputados mesclavam história da imigração a teorias eugênicas para tecer cenários sobre o futuro do Brasil”. Com a aprovação desse projeto em 1934, ficou permitida a entrada de apenas 2711 japoneses por ano no país.

Quando surgiu a retórica antijaponesa, a princípio nos debates sobre a Constituição de 1934 e posteriormente no período da campanha de brasilidade:

as negociações entre maioria e minoria se viram transformadas. Para os integrantes da elite brasileira, as respostas à pergunta de como os japoneses se encaixariam na sociedade estavam inexoravelmente

<sup>16</sup> Como dito anteriormente, a primeira fase da Imigração Japonesa para o Brasil compreende os anos entre 1908 e 1925.

<sup>17</sup> SAITO, Hiroshi. *O Japonês no Brasil*. Estudo de Mobilidade e Fixação, p. 71.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>20</sup> LESSER, Jeffrey. *A Negociação da Identidade Nacional*. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil, p. 212.

vinculadas a discussões sobre economia e assimilação. (...) tanto os acadêmicos quanto os jornalistas verificaram que poucos brasileiros de ascendência européia estavam dispostos a se casar com alguém de ascendência japonesa.<sup>21</sup>

Segundo Sakurai<sup>22</sup>, várias são as reações contrárias a presença de não-brancos no território nacional – judeus também não eram bem-vindos no país e a opção em receber imigrantes negros era inadmissível.

Seguindo o curso da história, em novembro de 1937 é declarado o Estado Novo, sob governo de Getúlio Vargas. Assim, o tema da imigração, que já era corrente na sociedade brasileira desde meados do século XIX, toma novas proporções na década de 1930, tornando-se questão de segurança nacional, principalmente devido à campanha nacionalista imposta por Vargas.

Por fim, a terceira fase de imigração japonesa ocorre no período de 1942 a 1951. Esse período é caracterizado, segundo Hiroshi Saito,<sup>23</sup> pela decisão dos imigrantes nipônicos de radicarem-se no Brasil, uma vez que foram cortados os laços que os ligavam ao seu país de origem, impossibilitando-os de receberem proteção do Japão.

Saito descreve esse momento como o de uma mudança na atitude dos imigrantes radicados no Brasil, em que houve a desistência do intuito inicial de migração temporária de curto prazo e finalmente planejavam suas atividades econômicas numa base de longo prazo e de maior firmeza.

Essa mudança radical que se operou na atitude dos imigrados não surgiu de um dia para o outro, senão depois de séria reflexão sobre os planos iniciais e sobre a experiência dos anos passados, bem como depois do reexame da situação em que eles e seus filhos estavam colocados. Era inevitável que tão radical mudança provocasse certa confusão e distúrbios no seio do próprio grupo.<sup>24</sup>

### **Chegando à Cidade Morena**

A imigração japonesa em Mato Grosso do Sul, nos anos iniciais, se dá de forma secundária,<sup>25</sup> pois esses nipônicos haviam chegado ao Brasil na primeira leva de imigrantes do Japão em direção ao interior do Estado de São Paulo. Encaminharam-se, portanto, a Campo Grande no ano de

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 251-252.

<sup>22</sup> SAKURAI, Célia et al. *Imigração e Política em São Paulo*, p. 135.

<sup>23</sup> SAITO, Hiroshi. *O Japonês no Brasil*. Estudo de Mobilidade e Fixação, p. 38.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 38.

<sup>25</sup> Posteriormente, já no segundo momento da imigração japonesa, esses orientais dirigem-se diretamente para o então Estado de Mato Grosso.

1909 a fim de trabalharem na construção da Estrada de Ferro Noroeste, pois a remuneração era muito mais recompensadora que o trabalho nas fazendas. No total foram 75 imigrantes naquele primeiro ano.<sup>26</sup> Houve, também, a chegada de imigrantes de *Okinawa*<sup>27</sup> que inicialmente foram do Japão para o Peru. Estes se fixaram definitivamente em Campo Grande.

Segundo Handa<sup>28</sup>, por volta do ano de 1920 havia cerca de 50 famílias japonesas em Campo Grande, sendo que 49 eram originárias de *Okinawa* e apenas uma procedente de outra província do Japão.<sup>29</sup> Já em 1958, ano do cinquentenário da imigração japonesa, o número atingia 600 famílias, aumentando para 25% a porcentagem dos imigrantes de outras províncias japonesas. Porém, essa situação não altera o perfil de Campo Grande como um local de grande concentração dos imigrantes de *Okinawa* sem, no entanto, tirar o mérito dos não-okinawanos<sup>30</sup> no seu desenvolvimento.

Um dos fatores de estabelecimento dos okinawanos em Campo Grande teria sido a facilidade com que formaram um grupo estreitamente ligado, composto por pessoas vindas praticamente da mesma província. Esse agrupamento gerou a fixação do grupo no local, mas também contribuiu para que houvesse o isolamento dos mesmos.

Atualmente, são cerca de 5000<sup>31</sup> famílias de descendência japonesa em Campo Grande. Aproximadamente 2500 pertencentes ao Clube Nipo, porém, existem ainda famílias nipônicas participantes de outras associações e as que não são sócias de nenhum desses clubes. Os mais conhecidos são a Associação Esportiva e Cultural Nipo-Brasileira de Campo Grande<sup>32</sup>

<sup>26</sup> Esse grupo era constituído basicamente de *okinawanos*.

<sup>27</sup> *Okinawa* é uma província localizada no extremo sul do arquipélago japonês, mais especificamente em *Ryūkyū*. Foi anexada ao Japão pela primeira vez em 1609. Durante a II Guerra Mundial, foi tomada pelos Estados Unidos, sendo devolvida ao Japão em 1972. YAMASHIRO, José. *Uma ponte para o mundo*. Disponível em: [www.nippobrasil.com.br/saibamais/sobreokinawa/folderokinawataiko](http://www.nippobrasil.com.br/saibamais/sobreokinawa/folderokinawataiko). Acesso em: 22/02/2006.

<sup>28</sup> HANDA, Tomoo, *op. cit.*, p. 396.

<sup>29</sup> Não há informações sobre o local de origem dessa família.

<sup>30</sup> Imigrantes originários do maior arquipélago do Japão, formado pelas ilhas *Hokkaido*, *Honshu*, *Shikoku* e *Kyushu*. Há o preconceito das pessoas desses locais que não consideram os originários de *Okinawa* como japoneses. Até alguns anos atrás era comum ouvir pessoas desses locais referirem-se aos okinawanos de maneira pejorativa ou jocosa: “Mas ele (a) não é japonês, é de *Okinawa*” era uma frase comum de se ouvir em várias conversas. Atualmente, aparentemente já não há mais distinções entre esses grupos, sendo todos considerados japoneses.

<sup>31</sup> Não há precisão quanto ao número de descendentes de japoneses na cidade, visto que não há um censo para contabilizar essa população.

<sup>32</sup> Segundo o atual presidente da AECNB, os sócios mais velhos usam comumente o idioma japonês para se comunicarem no Clube, falando em português apenas quando algum membro desconhece o *nihongo*: “A maioria o japonês. Mas já com grande influência do português”.

(AECNB – conhecida popularmente como Clube Nipo ou Cruzeiro) e o Clube *Okinawa*. Segundo funcionários da AECNB, ambos foram fundados por japoneses oriundos da região de *Okinawa*, localizada ao sul do Japão. O Clube Nipo teve sua primeira versão fundada em 1920, com o nome de Associação Nipo – *Nihon-jin-kai*. Somente em 1964, o clube muda sua nomenclatura para Associação Esportiva e Cultural Nipo-Brasileira,<sup>33</sup> contemplando assim, a população que os recebera durante as décadas anteriores. Com o passar dos anos, imigrantes de outras partes do Japão se associam ao Clube Nipo-Brasileiro, enquanto que no Clube *Okinawa*, persiste a descendência de pessoas vindas daquela província. Como Campo Grande recebeu a maioria dos imigrantes da região de *Okinawa*, até os dias atuais, cerca de 60% a 70% dos associados do Clube Nipo ainda são daquela região, porém, com aproximadamente 30% a 40% de japoneses vindos de outras partes do país.

A Associação Esportiva e Cultural Nipo-Brasileira de Campo Grande realiza anualmente em Campo Grande – MS, em seu clube, duas festas tradicionais japonesas conhecidas como *Undokai*<sup>34</sup> e *Bon Odori*. Esta última acontece normalmente entre os meses de julho e agosto,<sup>35</sup> aproximando os japoneses e seus descendentes que vivem em Campo Grande aos seus ancestrais, que são, neste caso, os maiores homenageados.

As histórias dos imigrantes japoneses em Campo Grande são muito parecidas. Os sonhos eram sempre os mesmos: dirigir-se a um lugar onde fosse possível prosperar economicamente e, assim, fugir das péssimas condições em que se encontrava o Japão no período que seguiu após a II Grande Guerra.

No Japão, as imagens passadas àquela população sobre o Brasil, eram de um país afortunado, onde rapidamente seria possível progredir e acumular bens e certa quantia em dinheiro. Surgiu, então, o desejo de conquistar uma vida melhor, com certo poder aquisitivo e, conseqüentemente, de regressar ao país natal, quando finalmente poderiam viver com mais tranqüilidade. Dessa forma, milhares foram os imigrantes japoneses que entraram no Brasil, porém, o desejo de retorno raríssimas vezes foi possível, fazendo com que esse grupo aqui se estabelecesse e criasse futuros laços.

<sup>33</sup> Devido às várias re-inaugurações, a última fundação da AECNB data de 30 de julho de 1972.

<sup>34</sup> O *Undokai* caracteriza-se como uma gincana familiar, pois todos os membros das famílias participam, dos mais jovens aos mais velhos.

<sup>35</sup> Devido à anexação da festividade no calendário turístico da cidade, há alguns anos a festa ocorre sempre no mês de agosto, servindo como parte das comemorações do aniversário do Estado (26 de agosto).

Grande parte dos imigrantes em Campo Grande chegou à cidade secundariamente, visto que sua direção inicial era o interior do Estado de São Paulo. Outros poucos, após aportarem em Santos, dirigiram-se para Cuiabá, capital do então Estado do Mato Grosso.

Algumas histórias demonstram os sacrifícios e sofrimentos enfrentados por esse grupo, que apenas em poucos casos pôde realizar o sonho de retorno. A busca por melhores condições de vida, maior estabilidade financeira, entretanto, foram alcançadas, para serem usufruídos pelas gerações seguintes.

A história de H. S., de 78 anos de idade, que chegou ao Brasil com apenas 02 anos, ilustra a vida de diversos imigrantes: ainda muito jovem começou a ajudar os pais na plantação de verduras e legumes nas fazendas onde trabalhavam. Era mais uma mão-de-obra que ajudaria a família a juntar algum dinheiro e regressar para o país de origem. Nessa situação, ela ficou até o momento em que se casou. A partir de então, como dona-de-casa, ela ajudava o marido a aumentar a renda da família com os conhecimentos que havia aprendido ainda na adolescência: o corte e a costura, que forneciam o rendimento extra que precisavam para sobreviver, principalmente nos longos períodos em que o marido passava fora de casa, trabalhando como caminhoneiro. Nesses momentos, era ela a chefe-de-família e provedora.

Além de atuarem como provedoras da casa quando se encontravam sozinhas, as mulheres japonesas sempre foram peças importantes na família japonesa, mesmo quando seus maridos estavam presentes.

Quando chegou a Campo Grande, H. K., atualmente com 64 anos de idade, trabalhou nas plantações como muitos nipônicos. A dedicação deveria ser intensa, sempre acordando de madrugada, antes de todos, e deitando-se quando ninguém mais estava acordado. Casada e com filhos, não poderia dar atenção igual a todos e, assim, ocorreu uma das maiores tristezas de sua vida ao instalar-se na cidade:

Então, eu perdi o primeiro filho. Morreu com três meses de nascido. Eu trabalhava na roça. E naquele tempo, gente japonesa não pensa em família, pensa só em trabalhar. Ai tinha plantação de tomate. Aí eu não tinha leite, dei mamadeira para neném, coloquei na cama, não deixei arrotar, coloquei na cama e ficava pensando no meu serviço. Agora penso, não pode pensar isso, não pode fazer isso, eu estou arrependida, porque fiz isso, mas tem marido, tem sogra, tudo. Primeiro é serviço que pensa.

Alguns anos, após o triste fato, passaram e as condições da família foram melhorando. Assim, compraram uma pequena mercearia, já na

região urbana de Campo Grande, onde trabalhava com seus filhos e o marido. A *obasan* conta que a partir desse momento, vivendo na cidade e convivendo com os ocidentais o idioma japonês foi desaparecendo do seio familiar, pois seus filhos agora não poderiam falar *nihongo*, e ela deveria aprender muito bem o português para poder atender aos clientes. Hoje, seus filhos falam o idioma da mãe com dificuldade, enquanto ela leciona em sua casa, seu idioma materno para pessoas interessadas em ir ao Japão trabalhar como *dekasseguis*.

Assim como H. K., S. G., de 69 anos de idade, chegou ao Brasil com apenas 20 anos. Inicialmente dirigiu-se para o norte do Mato Grosso, mais tarde já casada e grávida de sete meses, mudou-se definitivamente para Campo Grande, onde trabalhou na “roça” com sua família. A *obasan* S.G conta sobre os duros anos, tendo em sua história sempre como personagem principal seu marido, entretanto, nota-se claramente sua importância para a sobrevivência da família ainda nos dias atuais, atuando como *sensei*<sup>36</sup> de danças e vendendo em supermercados e outros comércios alimentícios a produção de *tofu*<sup>37</sup> caseiro:

Aí a gente começou a trabalhar com verdura. Fazer plantação de verdura. Eu vendia com carroça. Naquela época precisava de carteira de carroça, 1970. Precisava de carteira de carroça. Aí eu peguei carteira de carroça. Aí comecei a vender verdura. Plantar e vender na feira. Três horas da madrugada eu sozinha, deixava filhos com marido, e eu ia para feira vender verduras. Começou assim. Mas só assim não dá. Aí começou a tentar granja. Aí ele pensou, vou fazer granja. Em São Paulo tinha bastante granja. Mandou carta, meu marido não sabe falar nada, não sabia falar nada em português. Para comprar pintinho. Aí ele gastou uma semana, foi lá buscar pintinho. Trouxe trezentos pintinhos. A casa era de madeira. Então a sala, fechamos tudo com cobertor. Deixava tudo aqui em casa, para não entrar vento. A noite inteira acordávamos para cuidar pintinho também. Ele fez tudo sozinho, a casa dos pintinhos. Na rua treze (13 de maio) antigamente era tudo fábrica de arroz. Aquela rua treze, agora tem um monte de Igrejas, mas antigamente tinha um monte de fábrica de arroz de japonês. Uma ou duas ainda têm. Comprava, fazia tudo separado. Pensamento dele (marido), né, e dava para os pintinhos. Levava água no galão de querosene, e assim fez granja. Andava de fazenda em fazenda comprando frango, matava e vendia limpo. Aí a primeira vez que vendeu galinha limpa. Aquela galinha que tira tudo, eu vendia lá na feira. No Japão eu não sei se já tinha, mas em Campo Grande,

<sup>36</sup> *Sensei* é o termo japonês utilizado para denominar professores, mestres.

<sup>37</sup> Alimento japonês preparado à base de soja – queijo de soja.

o primeiro foi ele que fez. Em 1972 eu fui levar à feira para vender, mas ninguém comprava, só japonês mesmo, de Okinawa, mas só isso também não dava para viver. Aí queria mudar para açougue. Mas para mudar para açougue é difícil. Meu marido nunca tinha cortado carne. Foi a primeira vez. Então açougueiro era assim bom, mas arrumou açougueiro. No mercadão (Mercado Municipal de Campo Grande) mesmo. Box 02. Num mês, vendia toda a carne, faltavam vinte reais. Carne de primeira, carne de segunda vendia tudo igual. Começou assim, né. Aí depois ele aprendeu um pouco, aí começou a ganhar dinheiro. Vendia para restaurante, bar, tudo assim. Quando começou a falar, aí que começou a vender. Depois que aprendeu, depois de meio ano, vendia bem carne. Aí que começou a ganhar dinheiro. Tinha bastante açougueiro. Japonês tinha um, só que lá não era carne mesmo, era mais porco. Açougue mesmo era só meu marido. Começou a vender, tinha açougue no mercadão, primeiro foi ele. Ele vendia três vacas por dia.

As histórias dessas mulheres são como as de várias outras, que sofreram ao se instalar em uma cidade inóspita, em muitas regiões devendo ser ainda desbravada no início do séc. XX. Sua presença e influência foram de extrema importância para a construção da cidade, que hoje possui como alguns de seus símbolos a cultura japonesa, tendo um de seus alimentos, o *sobá*, sido tombado e considerado, desde 2006, patrimônio cultural de Campo Grande. Sua influência está presente também em diversos locais da cidade, como praças e na Feira Central, onde se comercializa o alimento e outros produtos orientais. Coincidentemente, a Feira Central, atualmente localiza-se na antiga Estação Ferroviária Noroeste, local construído com a ajuda dos imigrantes nipônicos.

## A Família Japonesa

Entre os estudos sobre imigração japonesa, é dedicada especial atenção à questão da família, principalmente no que se refere ao seu tamanho e composição.<sup>38</sup> Portanto, as análises do processo de absorção dos japoneses no Brasil não podem deixar de focar a organização da família e o casamento no grupo étnico.<sup>39</sup>

No presente artigo, resultado de pesquisa de mestrado, foi enfocada a questão da família de imigrantes e descendentes japoneses especificamente na cidade de Campo Grande e as relações de gênero

<sup>38</sup> SAITO, Hiroshi. *O Japonês no Brasil*. Estudo de Mobilidade e Fixação, p. 61.

<sup>39</sup> VIEIRA, Francisca Isabel Schurig. *O Japonês na Frente de Expansão Paulista*. O Processo de Absorção do Japonês em Marília, p. 109.

e gerações – velhos e jovens – bem como a manutenção das tradições através das mulheres mais idosas da colônia – avós – como principais transmissoras de suas experiências de vida e dos costumes orientais aos seus descendentes – filhos e netos.

Nas famílias, as avós, segundo Leite,<sup>40</sup> são um elo entre o passado e presente, mas são também uma ligação entre o presente e o futuro através dos netos. As avós carregam, portanto, todas as inquietações sobre a reprodução das condições de vida familiar para os netos, bem como o seu processo de desenvolvimento na sociedade. Essas preocupações estão presentes, pois são essas mulheres que possuem o papel de manutenção do sistema familiar como um todo.

As avós e os pais garantem a sua própria continuidade na criança que chegou. Porém, as avós terão a função de mediadoras entre a criança, a família e a sociedade, à medida que transmitem e reforçam aos netos as tradições e os costumes da família.<sup>41</sup>

No caso nipônico, é comum nas famílias japonesas a subordinação dos interesses individuais aos da família. Segundo Vieira,<sup>42</sup> as decisões, tais como casamentos, educação, entre outras, eram sempre tomadas pelo chefe da família, pois a organização familiar era baseada na descendência patrilinear.<sup>43</sup> Uma das expressões mais fortes desse padrão dominação-subordinação está nas relações marido-esposa e pai-filhos. A esposa era legalmente considerada incompetente, sendo a autoridade do homem/marido sobre a mulher/esposa absoluta. Os casamentos dos filhos dependiam do aval paterno, tendo o pai o poder de anulá-los caso já tivessem sido realizados.

No caso de morte ou ausência do pai, o poder recai sobre o filho mais velho. A hierarquização é percebida dentro das famílias desde a infância e dividida em três princípios, em que o homem é superior à mulher, os mais velhos possuem poder sobre os mais jovens e os nascidos nas famílias aos que vierem de fora.

Como citado anteriormente, os japoneses imigraram em famílias formadas especificamente para atender as determinações brasileiras.

<sup>40</sup> LEITE, Isabel Leite. *Gênero, Família e Representação Social da Velhice*, p. 37.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 40.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 110.

<sup>43</sup> A família nipônica é “apresentada como um sistema hierárquico, organizado a partir do princípio de descendência patrilinear, onde o primogênito de sexo masculino tem direito à herança e sucessão”. Porém, segundo a autora, no caso japonês existem freqüentemente desvios desta regra de sucessão. CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. *Estrutura Familiar e Mobilidade Social*. Estudo sobre os Japoneses no Estado de São Paulo, p. 83.

Segundo Vieira,<sup>44</sup> freqüentemente se acentuam as conseqüências negativas dessa exigência, como a artificialidade dessas famílias, o que na sua opinião resultava em desorganização familiar. Porém, a motivação básica do sucesso rápido e retorno ao Japão consolidava a solidariedade familiar, “pois todos os membros da família dedicavam-se a uma mesma atividade sob direção do chefe da família, mantendo-se, assim, os padrões tradicionais de hierarquia, autoritarismo e a subordinação dos interesses do indivíduo aos da família como um grupo”.<sup>45</sup>

Pode-se perceber, portanto, a manutenção entre os imigrantes e seus descendentes da orientação coletiva do sistema familiar japonês,<sup>46</sup> reforçada pelas condições de imigração. Porém, nas zonas urbanas a ordenação da força de trabalho familiar permitirá uma maior dispersão institucional, que leva a um crescente exercício da responsabilidade individual e da tendência a maior independência pessoal, que terá repercussão na ordenação das relações familiares, enfraquecendo a autoridade do chefe da família e a solidariedade familiar.

Segundo Cardoso,<sup>47</sup> a tendência à urbanização, presente nos imigrantes de primeira geração, é aumentada ainda mais nas gerações seguintes, sendo essa situação de urbanização muito mais determinante na escolha das profissões do que quando estavam vivendo em áreas rurais.

Nas áreas urbanas, o campo de relações sociais de japoneses e seus descendentes não se limita somente ao círculo familiar e ao grupo étnico, tendo dois importantes fatores atuando no processo de transformação dos filhos dos imigrantes: a escola brasileira e o desempenho de novos papéis na sociedade abrangente. Neste momento, as qualidades individuais, e não a posição e as conexões da família, é que contam. Segundo Vieira,<sup>48</sup> “novos padrões de relações prevalecem: relações pessoais entre indivíduos que

<sup>44</sup> VIEIRA, Francisca Isabel Schurig, *op. cit.*, p. 113.

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 113.

<sup>46</sup> Segundo Befu (1962, p. 34, *apud* CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. *Estrutura Familiar e Mobilidade Social*. Estudo sobre os Japoneses no Estado de São Paulo, p. 82) “para interpretar o sistema de parentesco japonês é preciso distinguir claramente entre família como uma unidade de parentesco e como uma unidade corporativa. A primeira concepção acentua a continuidade genética da família, do pai para o filho mais velho, enquanto a última enfatiza a perpetuidade do nome da família e sua ocupação. As duas não se sobrepõem necessariamente, isto é, uma linha de sangue pode continuar mesmo depois que o nome da família e a ocupação mudaram e, do mesmo modo, o nome da família e a ocupação podem ser continuados não pelo filho mais velho, mas por alguma outra pessoa. Propomos aqui que, no sistema familiar japonês, a maior ênfase não é dada à continuidade do sangue mas à perpetuação da família como um grupo corporativo através de seu nome e ocupação”.

<sup>47</sup> CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. *Estrutura Familiar e Mobilidade Social*. Estudo sobre os Japoneses no Estado de São Paulo, p. 71.

<sup>48</sup> VIEIRA, Francisca Isabel Schurig, *op. cit.*, p. 114.

desempenham papéis específicos e relações onde se acentuam os critérios de eficiências e habilidades e não critérios de idade e sexo”.

Aos *nisseis* foram dadas condições para conseguir um nível educacional mais alto que permitisse o exercício de profissões urbanas. Deste modo, a segunda geração estaria dando continuidade ao processo de ascensão social vivido por essas famílias, cuja meta era, sem dúvida, oferecer um patrimônio e “uma vida melhor” para os filhos.

Desse modo, entre as famílias de japoneses imigrantes, a educação e socialização dos filhos, e posteriormente dos netos parece ser função exclusivamente das mulheres. São elas que se dedicam aos cuidados das crianças e dos afazeres domésticos. Desse modo, o que os descendentes recebem como informação sobre os costumes, tradições e hábitos japoneses passa inicialmente pelo crivo das orientais. São elas que ensinam o idioma japonês quando acham que o conhecimento dessa língua é importante para as novas gerações, que ensinam as filhas – e filhos – qual o preparo correto dos alimentos consumidos em casa, e talvez o mais importante, quais os valores que os jovens carregarão pelo resto de suas vidas. É pelas mãos das mães e, principalmente das avós, que os mais jovens recebem as informações culturais de seus antepassados.

A educação formal dos filhos, entretanto, era uma tarefa árdua para famílias que possuíam pouco dinheiro. Muitos precisavam estudar fora, fazendo com que os pais precisassem se desdobrar para sustentá-los. Em famílias numerosas, apenas alguns filhos eram escolhidos para levar seus estudos adiante. Esses carregavam consigo o peso da responsabilidade de “cumprir com suas obrigações”.

No que se refere à educação dos filhos e netos na família japonesa, é importante ressaltar a questão do uso do idioma oriental. O *nihongo*, usado no início da imigração para o Brasil, foi aos poucos afastado do seio familiar japonês. Percebe-se que a questão do idioma em determinados momentos afasta-se do âmbito familiar e aproxima-se do social. Membros da colônia japonesa que não falam ou não entendem o idioma de seus ancestrais possuem mais dificuldades de interagir com visitantes do país do sol nascente. Esse afastamento do idioma nativo, em muitos casos, se deu pela forma como esse grupo se inseriu na sociedade ocidental.

Pode-se perceber que a geração dos filhos nascidos no Brasil, os *nisseis*, teve mais acesso ao ensino do idioma japonês do que as gerações mais jovens – netos e bisnetos. Atualmente, os jovens com idades entre 13 e 20 anos pouco entendem dessa língua.<sup>49</sup> Segundo alguns desses jovens

<sup>49</sup> Nesse caso, é necessário que se faça uma diferenciação entre esses jovens. Há aqueles que participam ativamente de grupos culturais e acabam ficando interessados no aprendizado do idioma (mesmo que efetivamente não se matriculem no curso de línguas) e os que pouco freqüentam as atividades das colônias.

e adolescentes, a maior influência que receberam de seus pais e avós, foi o modelo de educação que serve de representação para os estereótipos dos japoneses desde a chegada dos primeiros imigrantes, até os dias atuais. São os estudantes sérios, “nerds”, etc.

Segundo A. N., 20 anos, coordenador do grupo de *taiko* e estudante de Biologia, seus pais foram exigentes em sua educação como um todo, mas não especificamente na questão do ensino do *nihongo*. O interesse por essa língua surgiu já na adolescência, quando se aproximou de elementos da cultura japonesa considerados atualmente como “pop”.

J. H., 20 anos, estudante de administração, filho de uma *issei* e um *nissei*, contou em seu depoimento como é a pressão para ser um filho exemplar:

Teve uma época em que eu era “nerd”, mesmo. Sentava lá na frente, porque meu pai me obrigava a tirar as melhores notas na escola. Eu tinha que ser o melhor aluno. Até porque meu pai é professor e uma parte da minha vida eu estudei no colégio em que ele era diretor. Então, meu pai chegava em mim e falava: o que você representa aqui, representa mais do que a posição de aluno. Qualquer coisa que você fizer aqui, não vão olhar para você, vão olhar para mim. Então eu sempre tinha que tentar não fazer “caca”. E tinha pressão. Meu pai me pressionava para estudar. Da parte da educação ele é muito rigoroso. Sistemático. Se eu falo para ele: pai, eu vou à casa do meu amigo, ele fala: Que horas você vai voltar? Eu falo que vou voltar meia noite. Se lá eu decido que vou dormir por lá, ele fala: não. O que você tinha programado? O que você tinha me dito? Ele é mais rigoroso (que a mãe). (Ela saiu do Japão) com uns 20 anos. Ela foi criada lá. O que eu acho bem interessante é que japonês tem aquela coisa de valores e tal. E isso ela tem com certeza. Toda vez que eu saio de casa ela fala para mim: *gambate*. E eu falo: *gambarê-matsu*. Ela fala e eu afirmo. É engraçado porque tem um sentimento. A gente não sabe explicar, mas tem um sentimento. Sentimento de não desapontar, de fazer as coisas certas. De vencer mesmo. Eu tenho. A gente acaba herdando. Minha mãe fala, pela expressão dela, ela não precisa nem explicar o que é. Ela sempre falou que é boa sorte. Mas dá para você entender que é mais que boa sorte. É uma coisa mais forte ainda.

O depoimento de J. H. não é uma exceção. Grande parte dos descendentes de imigrantes japoneses em Campo Grande sofre com as cobranças para ser o modelo de filho, estudante, profissional etc. Nas conversas informais com diversas imigrantes que não constam neste trabalho, ficou claro que os filhos carregam não somente os traços faciais, o sobrenome, mas a honra, o caráter da família que será passado para

adiante. No depoimento de J. H., entretanto, percebe-se uma grande diferença entre a educação recebida pelo pai e pela mãe. O pai, *nissei*, exige o comportamento exemplar que pode ser notado por todos, com boas notas, cumprimento de horários. Suas atitudes devem ser tomadas sempre pensando na imagem que os outros terão de sua família e dele próprio. A mãe *issei*, apesar de lhe educar para ser o mesmo filho-modelo, de comportamento exemplar, educa-o a partir dos valores e sentimentos japoneses, através de palavras que reflitam emoções inesquecíveis, e que ficarão guardadas em seu íntimo pra sempre. São essas palavras, que refletem tais valores, que o tornarão o verdadeiro “japa”, jovem ligado à honra e aos costumes *nikkeys*.

A fala da jovem C. K., 20 anos, estudante de Ciências Sociais, demonstra a preocupação da família e, principalmente de sua mãe – que carrega a obrigação de educar os filhos para serem indivíduos honrados – justamente com essa questão da imagem e da opinião alheia:

Você é sempre podado, não pode falar nada, não pode expressar sua opinião. Você tem sempre que pensar nos outros primeiro, depois em você. Minha mãe sempre pensa nos outros primeiro e depois em você. Aí você vai crescendo, se ferra, aí entende que não é tão assim.

O jovem A. M., 17 anos, estudante de administração, terceira geração de japoneses no Brasil – filho de um *nissei* com uma descendente de italianos – apesar de distante dos costumes e tradições orientais, afirma que um pouco ainda tem de sua família:

Eu acho que a educação de cultura mesmo é pouca. Acho que a cultura está muito ligada com a parte biológica, com a parte hereditária, porque os japoneses são mais fechados né, por natureza você consegue perceber isso. Eu acho que essa é a parte da cultura que ele [seu pai] me passou. Da cultura, ou da parte hereditária.

Percebemos assim que, apesar de viverem no Brasil há algumas décadas e de não falarem o idioma japonês, em alguns casos, muitos dos costumes orientais continuam sendo praticados no Brasil, especificamente em Campo Grande – MS. Mesmo há algumas gerações distantes do *Nihon*, alguns jovens possuem o interesse em aproximarem-se da cultura japonesa, formando grupos culturais, participando de festas, ou ainda conversando com avós, tias e parentes mais velhos. Desse modo, é importante compreender quais são os elementos conservados na cidade de Campo Grande pela colônia japonesa.

Percebe-se que mesmo as gerações mais jovens recebem uma educação em certa medida nos moldes mais tradicionais japoneses. Boa

parte dessa influência oriental é transmitida pelas mulheres imigrantes ou descendentes, pois são elas as educadoras das crianças – filhos e netos – e mantenedoras da casa e da família.

Assim como a educação passa pelas mãos dessas mulheres, também as tradições e costumes acabam sendo suas responsabilidades. Observando diversas famílias, principalmente constituídas por casamentos interétnicos, nota-se que os filhos recebem pouca influência da cultura japonesa quando o pai é *nikkey*. Entretanto, quando a mãe é imigrante, ou descendente, comumente os filhos possuem mais intimidade com os hábitos e tradições orientais.

### Considerações Finais

Nos estudos migratórios, pouco se falou sobre as mulheres japonesas e sua importância na vinda para o Brasil. Essas *obasan*, quase sempre foram vistas como secundárias e coadjuvantes, apenas como acompanhantes de seus maridos e familiares – pais e irmãos – tendo seu trabalho pouco valorizado desde sua chegada a esse país. Especificamente na cidade de Campo Grande, percebe-se que mesmo as gerações mais jovens recebem uma educação em certa medida nos moldes mais tradicionais japoneses. Boa parte dessa influência oriental é transmitida pelas mulheres imigrantes ou descendentes, pois são elas as educadoras das crianças – filhos e netos – e mantenedoras da casa e da família.

Assim como a educação passa pelas mãos dessas mulheres, também as tradições e costumes acabam sendo suas responsabilidades. Observando diversas famílias, principalmente constituídas por casamentos multi-étnicos, nota-se que os filhos recebem pouca influência da cultura japonesa quando o pai é *nikkey*. Entretanto, quando a mãe é imigrante, ou descendente, comumente os filhos possuem mais intimidade com os hábitos e tradições orientais.

São elas que se dedicam aos cuidados das crianças e dos afazeres domésticos. Desse modo, o que os descendentes recebem como informação sobre os costumes, tradições e hábitos japoneses passa inicialmente pelo crivo das orientais. São elas que ensinam o idioma japonês quando acham que o conhecimento dessa língua é importante para as novas gerações, que ensinam as filhas – e filhos – qual o preparo correto dos alimentos consumidos em casa, e talvez o mais importante, quais os valores que os jovens carregarão pelo resto de suas vidas.

## Bibliografia

- CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. *Estrutura Familiar e Mobilidade Social*. Estudo sobre os Japoneses no Estado de São Paulo. São Paulo, 1972.
- DALBY, Liza. *Gueixa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2003.
- ENNES, Marcelo Alario. *A Construção de uma Identidade Inacabada*. Nipo-Brasileiros no Interior do estado de São Paulo. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- HANDA, Tomoo. *O Imigrante Japonês*. História de sua vida no Brasil. São Paulo: T.A. Queiroz Editor/Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.
- LEÃO, Valdemar Carneiro. *A Crise da Imigração Japonesa no Brasil (1930-1934)*. Contornos Diplomáticos. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão/Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 1990
- LEITE, Iolanda Lourenço. *Gênero, Família e Representação Social da Velhice*. Londrina: Eduel, 2004.
- LESSER, Jeffrey. *A Negociação da Identidade Nacional*. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- SAITO, Hiroshi. *O Japonês no Brasil*. Estudo de Mobilidade e Fixação. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 1961.
- \_\_\_\_\_. (org.). *A presença japonesa no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- SAKURAI, Célia. *Romanceiro da Imigração Japonesa*. Série Imigração. São Paulo: Editora Sumaré/FAPESP, v. 4, 1993.
- \_\_\_\_\_. et al. *Imigração e Política em São Paulo*. Série Imigração. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, v. 6, 1995.
- VIEIRA, Francisca Isabel Schurig. *O Japonês na Frente de Expansão Paulista*. O Processo de Absorção do Japonês em Marília. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973.
- WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. "Japoneses no Brasil/Brasileiros no Japão: tradição e modernidade". *Série Antropologia*. Brasília, 1995 , n. 183, p. 01-20.

